

UMA CRIANÇA ESTÁ RINDO

Aluna: Akemi Aoki

Orientadora: Rosana Kohl Bines

Introdução

Este ensaio é produto do segundo ano de pesquisa com a professora Rosana Kohl Bines, que tem como foco as relações entre infância, violência e literatura.

No primeiro ano (2009-2010), apresentei um trabalho de análise bastante pontual do livro “Feras de lugar nenhum”, de Uzodinma Iweala, romance narrado em primeira pessoa por Agu, um menino-soldado em situação de guerra civil africana. A partir dele, procurei pensar o narrador-criança como estratégia narrativa vigorosa para histórias de guerra, de violência pungente, refletindo sobre os impasses da linguagem, tendo em vista as discussões literárias em relação aos limites de representação da catástrofe. Aproximei a guerra e a infância, instâncias inicialmente antagônicas, a partir do homônimo *infante*, presente na semântica tanto do campo de batalha, o infante da infantaria (soldado que combate a pé), quanto da creche, a criança que ainda não fala. Propus que estes dois lugares crus, selvagens (guerra e infância) parecem se avizinhar ali onde a linguagem falha: no mutismo das situações de horror e no momento *infans* da vida humana, ainda sem domínio da linguagem, quando é então preciso lançar mão de outros instrumentos de contato, de desbravamento do mundo, para estar nele *de alguma forma* e sobreviver.

Neste segundo ano, a minha aproximação de crianças à beira da morte literária deixou de ser o tópico principal de rebuliço dos meus estudos para ser, antes, apenas um modo de chegada a um exercício que propõe pensar a infância enquanto instância de certa forma orgânica do discurso. Procuo, aqui, uma aproximação mais efetiva da relação estreita entre as noções de morte, infância e linguagem para pensar a Literatura. Nos domínios da Literatura e da Filosofia da Linguagem que enxergam a linguagem à medida de Deus, a criança aparece como um trambolho curioso e fértil, uma vez que é o habitante natural do espaço *infans* da vida humana. Maurice Blanchot, em “A escrita do desastre”, condenou a criança à morte: a infância seria um momento em que a criança está mergulhada na morte, uma vez que, ainda sem linguagem, ela não tem os subsídios para constituir uma subjetividade. Admito que a metáfora radical cumpriu seu papel enquanto estratégia discursiva de choque. Mas sendo a metáfora uma força argumentativa titânica, a imagem do *infans* defunto é inquietante a ponto não só de me impressionar, mas de me levar a querer virá-la do avesso, a resgatar a criança do mergulho na morte e colocá-la mais próxima da vida do que qualquer sujeito que tagarela, pensando até que ponto esse deslocamento modifica também as maneiras de olhar a própria Literatura.

Objetivos

Investigar as representações literárias da infância, com especial atenção às situações-limite de violência, muito próximas da morte, a que as personagens-crianças foram sistematicamente expostas na Literatura, e pensar, sobretudo, a infância enquanto peça fundamental da própria maquinaria discursiva.

Metodologia

Para investigação, foi estudado um acervo bibliográfico de obras filosóficas e literárias acerca do riso e da infância. O que apresentarei neste trabalho serão inquietações mais espichadas, bandeadas para o lado da Filosofia, acerca das imbricações entre o riso, a morte, a infância, a linguagem e a literatura, num ensaio que se pretende antes um espaço de apresentação de problemas, interlocução crítica e desassossegos próprios do que um argumento bem articulado até um ponto final mais ou menos confortável. Trata-se de uma pesquisa em reticências.

Conclusões

O filósofo Lyotard, logo na primeira página de sua obra “Leituras de infância”, lança a frase de efeito da partir da qual desenvolverá o restante de seus ensaios: ninguém sabe escrever. O escritor é um derrotado que escreve para tentar apanhar *no* texto e *através* do texto algo que ele não sabe escrever. Haverá sempre algo que não se deixará ser escrito. Lyotard decide batizar este algo de *infantia* – aquilo que não se fala, aquilo que não pode dizer-se a si mesmo. Uma infância, diz ele, que não é uma idade da vida e que não passa, mas que assombra discurso, mesmo que este insista em mantê-la afastada. No entanto é nela que o discurso se abriga. Ela é o que dele resta. Se a infância repousa nela mesma, não é « apesar de », mas *porque* ela se aloja no adulto. Isto é quase tão impactante quanto condenar a criança à morte porque ela ainda não se constituiu enquanto sujeito, metáfora com a qual discuto no início deste ensaio.

Não discuto porque considere que seja uma insensatez filosófica, mas porque considero que seja apenas metade do argumento. O pensamento bonito que acolhe a infância enquanto órgão funcional e essencial do discurso não deveria esmorecer aí, num caixão filosófico. Não pretendo forçar a barra para um discurso romântico e idealizado, mas de fato penso que é preciso completar o resto do caminho. Parou-se no *nada*, mas esqueceu-se de dizer que o nada é o espaço mais fértil e possível para que algo surja. Ninguém melhor do que nós para saber o que é uma folha em branco. Algo sempre começa a partir do *nada*, a partir da morte.

A infância não ressoa na literatura apenas no calar e naquilo que não se consegue dizer ou que se consegue dizer apenas gaguejando, mas em todo o potencial que a literatura tem *para dizer*. Para dizer tudo.

Referências

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ARENDT apud LARROSA, Jorge. “O enigma da infância”. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- AVERY, Gillian; REYNOLDS, Kimberley. *Representations of Childhood Death*. London: Macmillan Press, 2000.
- BARRIE, J.M. *Peter Pan e Wendy*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- BAUDELAIRE, C. *Oeuvres complètes*. Paris: Editions du Seuil, 1968.
- BLANCHOT, Maurice. *The writing of the disaster*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Infância e pensamento”. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- KUNDERA, M. *O livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LECLERC, Annie. *Palavra de mulher*. São Paulo: Brasiliense.

Departamento de Letras

LYOTARD, Jean-François. *Lectures d'enfance*. Paris: Galilée, 1991.